

PODER MACIO – UM PROCESSO DE TRADUÇÃO DO POEMA COREANO *CHICLETE* A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DAS ARTES VISUAIS

Eduardo Montelli

Resumo: O presente texto ensaístico é um escrito de artista que aborda, em estilo de fluxo de consciência, diversas questões disparadas pelo processo de tradução do poema “Chiclete”, do poeta coreano Kim Ki-taek, durante o isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19, em 2020 e 2021. A prática de tradução, aqui, é pensada como transformação e ampliação de sentidos, indo além da questão da equivalência de palavras. Com isso, busca-se enfatizar as ressonâncias e os desdobramentos da tradução em outras formas de arte, como performance, vídeo, escultura digital e documentação.

Palavras-chave: Poesia coreana. Tradução. Artes Visuais. Escultura digital.



SOFT POWER – A translation process of the Korean poem Gum from a perspective of Visual Arts.

ABSTRACT: This essay is an artist's writing that addresses, in stream of consciousness mode, several issues raised by the process of translating the poem "Gum", by the Korean poet Kim Ki-taek, during the social isolation caused by the Covid-19 pandemic, in 2020 and 2021. The practice of translation comprehended here as a transformation and expansion of meanings, going beyond the question of word equivalence. Thus, we seek to emphasize translation's resonances and unfolding in other forms of art, such as performance, video, digital sculpting and documentation.

Keywords: Korean poetry. Translation. Visual Arts. Digital sculpting.

"Traduzir é instalar-se no espaço do equívoco e habitá-lo."

Eduardo Viveiros de Castro
em *Metafísicas Canibais*

1

Frustrações, golpes, derrotas, lutos, mas ainda sobrevivemos, dúcteis. Mais do que traumático, trauma repetido. Traumatismo múltiplo e contínuo, sem pausa para descanso nem tempo para digestão. O que se pode comunicar a partir de tal situação? Que narrativa ou imagem é capaz de dar conta de tanta deformação? Logo completa um ano desde que iniciamos as tentativas de distanciamento social. Um ano obcecados por limpeza, sentindo sintomas duvidosos todos os dias, temerosos com a possibilidade



de perder alguém, tristeza pelos que perderam e raiva por aqueles que fingem que nada está acontecendo. Relatos circulam em abundância por todos os meios, notícias velozes sobre um planeta repleto de conexões contagiosas. Atropelado por um novo tipo de angústia impotente, delirei que se eu falasse todas as línguas do mundo, enfim, conseguiria compreendê-lo. Tentei iniciar essa missão impossível pelo “chinês”, mas não pude ir adiante. É assustador quando nos aproximamos de uma linguagem muito distante da nossa. O desconhecimento sobre o Outro intimida, ameaça e incita rejeição. Enquanto me conscientizava desses limites cognitivos, contemplei imagens impressionantes do combate ao novo vírus na Coreia do Sul, pela TV. Fiquei viciado em *Blackpink* e *CL*. Revi *Parasita*. Assisti *doramas* no *Netflix*. Os dados e os algoritmos se contaminaram e, rapidamente, a onda coreana inundou meus *feeds*.

Em algum dos milhares de lugares visitados virtualmente em um dia qualquer, alguém comentou que saber coreano pode facilitar a aprendizagem do mandarim. Isso pareceu promissor em meu plano para dominar o mundo. APRENDA COREANO EM 20 MINUTOS, dizia no vídeo que cliquei e assisti com velocidade acelerada. Depois vi outro, e outro, e outro. Seguindo dicas de *youtubers*, comecei a anotar as lições com canetas coloridas em cadernos de estudo. Instalei o *Duolingo* no meu celular. Percebi que o alfabeto coreano, chamado “hangul”, não é tão difícil quanto parece à primeira vista. As letras representam fonemas, assim como as nossas: ㅏ tem som de A, ㅑ tem som de B, e por aí vai. Em poucos meses, eu já conseguia pronunciar todas as novas letras, já compreendia suas composições e já era capaz de ler palavras cujos sentidos eu não sabia ou não recordava. De repente, surge



uma curiosidade. Como é a poesia coreana? Essa era uma das poucas formas de arte que não chegavam até mim com tanta fluidez como os filmes e as músicas de *Kpop*. Então o *Google* me respondeu apresentando um poeta: Kim Ki-taek, recentemente traduzido para o português. “É difícil encontrar um exemplar do antimetafórico, daquilo que alguns chamam de antipoesia, enfim, de uma poesia tão antilírica, antissentimental quanto a de Kim Ki-taek”, sublinhei no prefácio da edição brasileira do livro *Chiclete*. Decidi usar um dos poemas desse livro para estudar mais a gramática e o vocabulário coreano: “껌”, *kóm*, goma de mascar. Imprimi o texto encontrado na internet no idioma original, procurei palavra por palavra no site *Naver*, tradutor *online* mais popular da Coreia do Sul, e fui fazendo anotações para tentar entender e pronunciar o que estava escrito em cada frase.

Isolado e conectado, pensei sobre isso pela primeira vez: é possível aprender sem ter contato algum com pessoas “de verdade”, é possível aprender a falar com as máquinas. Nessa mesma época eu li um livro de Franco Berardi, chamado *Asfíxia*, no qual o autor defende a ideia de que a poesia e a ironia são potentes ferramentas que podem nos ajudar a aplicar um “calote semiótico” no “endividamento simbólico” e na “inflação de sentidos” propagados pelos avanços do capitalismo. O processo de leitura/tradução do poema se tornou para mim um tipo de “calote semiótico” diante das dívidas que a pandemia parecia exacerbar, uma negação da tendência de produzir a qualquer custo, de transformar os traumas em produtos de consumo imediato. Mastigar lentamente um poema difícil de engolir, arrancar pedaços de sentido de cada palavrinha estranha, usando os dispositivos de comunicação digital para aprender a falar algo novo, mais do que para reproduzir discursos correntes.



Um amigo de *Instagram* me indicou um filme coreano chamado *Poesia*. Em determinado momento, a personagem principal comenta: “tenho tentado escrever poemas, mas não consigo”. Ela se sentia ~~esmagada espremida~~ esgotada pela dureza do seu mundo. Traumatismo múltiplo e ductilidade. Um chiclete é mordido diversas vezes, é descartado, mas continua inteiro. ~~Plasticidade, resistência, artificialidade, domesticação, dessensibilização...~~ tantas palavras possíveis. Um ano se passou. Hoje eu declamei um poema inteiro em coreano usando apenas minha memória. A pronúncia ainda deixa a desejar, mas senti que, de alguma maneira, consegui efetuar um contragolpe nesse trauma colossal que vivemos no presente, ainda que seja só uma pedrinha arremessada sem muita força. Desde então, uma imagem não sai da minha cabeça: um chiclete mastigado que flutua no vazio, contando sua própria história repetidamente. Uma espécie de ideia ou de assombração. “Produzir uma ressonância interna é a tarefa da tradução”, diz Yuk Hui na última página de seu livro sobre a questão da tecnologia na China. Essa *ideiassombração* informa que ainda resta algo para traduzir na poesia? A ressonância espectral que ronda meu imaginário pede por uma incorporação mais profunda. Encarnar o poema.

“Começa com o abandono do Eu”, leio na abertura de um vídeo sobre butô, a “dança da escuridão” surgida no Japão dos anos 50, que assisti no *Youtube* durante mais uma madrugada insone. Eu me transformo em chiclete. Rosto pintado de rosa, faço uma filmagem declamando a poesia em coreano, edito o material, posto no *Instagram*. Uma vídeo-declamação também é uma forma de traduzir um poema? A imagem do meu rosto metamorfoseado em goma de mascar agora também habita meus pensamentos.



Lembro dos rostos deformados das pinturas de Francis Bacon. Figuras isoladas em espaços restritos, figuras que se diluem e se misturam com o fundo, como se fossem água transbordando da pia, tempestades de areia. Lembro dos autorretratos que Pablo Picasso fez no fim de sua vida. Rostos mais do que disformes, rostos moles como massinha de modelar, rostos complexamente simplificados, reduzidos ao gestos mínimos, mas ainda vivos. *I am still alive*. Talvez esse fluxo de associações mentais seja mais um sintoma pandêmico, uma tentativa de traduzir um mal-estar indizível. Mascar até acabar o sabor, não engolir, cuspir, abandonar... o Eu. A sobrevivência do Eu. O fóssil. O fantasma. Um desejo ancestral alimentado por tubos, vida artificial. Morder o mundo quando tudo acabar. Hoje eu fiz uma modelagem 3D de um chiclete-rosto pareidólico, usando como referência o rosto-chiclete da minha vídeo-declamação do poema de Kim Ki-taek. Nova mutação, nova variante. Mas ainda não sei se a tradução está pronta.





Revista-Valise, Porto Alegre, v. 11, n. 19, ano 12, julho de 2022

CHICLETE

ALGUÉM MASTIGAR DESCARTADO CHICLETE

누군가 씹다 버린

.
 SUBSTANTIVO ADJETIVADO

MARCA DE DENTE CLARAMENTE DEIXADA CHICLETE

이빨자국이 선명하게 남아 있는

.

JÁ MARCA DE DENTE POR CIMA
 IMPRESSA
 이미 짙

 이빨자국 위에
 DE IMPRESSA INCONTÁVEIS MARCAS DE DENTES IMPRESSAS
 NOVO E REIMPRESSA
 다시 짙히고 짙히고 무수히 짙

 이빨자국들을

NENHUMA OU DESTRUÍDA NÃO ESTÁ APAGADA

하나도 버리거나 지우지 않고

DENTRO DO PEQUENO CORPO CAMADAS AMASSADAS

작은

 몸속에 겹겹이 구겨넣어

EM UM PEDAÇO PEQUENO E REDONDO AGLOMERADO CHICLETE

작고 동그

란 덩어리로 뭉쳐놓은

.

MONTE DE ESSE MARCAS DE DENTE POR DENTRO

그 많은

 이빨자국 속에서

NESSE AS HORAS
 MOMENTO SERENAMENTE DOS FÓSSEIS ESTÁ PASSANDO CHICLETE

지금은 고요히 화석의 시간을 보내고 있는

.

CARNE DE ANIMAL E FRUTOS, QUE UMA
 COMESTÍVEL RASGA NOZES QUEBRA FORÇA

고기를 찢고 열매를 부수

던 힘이

ESMAGADO
 POR MAIS QUE E DEPOIS TAMBÉM ESMAGADO

아무리 짓이기고 짓이겨도

TODO NÃO ESTÁ ESMAGADO E

다 짓이겨지지 않고

TAMBÉM POUCO RASGADO OU NÃO ESTÁ DESTRUÍDO CHICLETE

조금도 찢어지거나 부서지지도 않은

.



COMO SE FOSSE
 CARNE, PELE, GORDURA COM A CONSISTÊNCIA SUAVE
 살처럼 부드러운 촉감으로
 COMO SE FOSSE
 CARNE DE ANIMAL COMESTÍVEL COM A TEXTURA MASTIGÁVEL
 고기처럼 쫄깃한 질감으로
 DENTE EMBAIXO LUTANDO MEMBROS IGUAL A COM A ELASTICIDADE MACIA
 이빨 밑에서 발버둥치는 팔다리 같은 물렁물렁한 탄력으로
 DENTES ESQUECERAM DO MASSACRE REMOTO É DESPERTADA
 이빨들이 잊고 있던 먼 살육의 기억을 깨워
 ESSE COM SANGUE COM CHEIRO DE CARNE DE PEIXE ACOMPANHADO OCIOSO CHICLETE
 그 피와 살과 비린내와 함께 놀던 껌.
 EXISTÊNCIA TERRESTRE DURANTE NO DENTE IMPRESSA DESEJO DE MATAR E HOSTILIDADE
 지구의 일생 동안 이빨에 각인된 살의와 적의를
 NO SEU CORPO INTACTO ESTÁ CARREGANDO CHICLETE
 제 한몸에 고스란히 받고 있던 껌.
 COM VONTADE ESMAGADO E TRITURADO E PRESSIONADO
 마음껏 뭉개고 갈고 짓누르다
 DENTE PRIMEIRO CANSADO
 이빨이 먼저 지쳐
 CONTRA VONTADE LIBEROU CHICLETE
 마지못해 놓아준 껌.

Figura 2 e 3. Imagem que mostra as palavras do poema em coreano com suas respectivas possíveis traduções para o português.



CHICLETE

Poema de Kim Ki-taek

Tradução de Eduardo Montelli

Um chiclete mascado e cuspidor por uma pessoa qualquer.

Um chiclete que está nitidamente marcado por dentes.

Um chiclete que aglomera camadas amassadas dentro de seu pequeno corpo redondo, com inúmeras marcas de dentes impressas e reimpressas, umas por cima das outras, sem nenhuma se apagar ou desfazer.

Um chiclete que agora passa o tempo tranquilamente como um fóssil cheio de marcas de dente.

Um chiclete que, por mais que tenha sido apertado e pressionado por uma força capaz de triturar frutas e destroçar carnes, não está completamente esmagado nem muito esfaqueado.

Um chiclete que esteve na companhia da carne, do sangue e do cheiro de podre trazidos pela memória ancestral de um massacre já esquecido pelos dentes, mas lembrado por sua maciez elástica como a de um membro que luta sob uma arcada dentária, por sua textura gostosa de mastigar como a de um bife suculento, e por sua consistência suave como a de uma pelanca gorda.

Um chiclete que suportou em seu corpinho resiliente toda ferocidade e desejo de morte incrustados nos dentes ao longo de toda existência de vida no planeta Terra.

Um chiclete que foi solto, contra a vontade, pelo dente vencido pelo cansaço, depois de tanto pressionar, triturar e esmagar, com voracidade.





Figura 4. "Chiclete", 2021. Vídeo-declamação em coreano do poema "껌", de Kim Ki-taek
Link para visualização do vídeo: <https://vimeo.com/516482265>



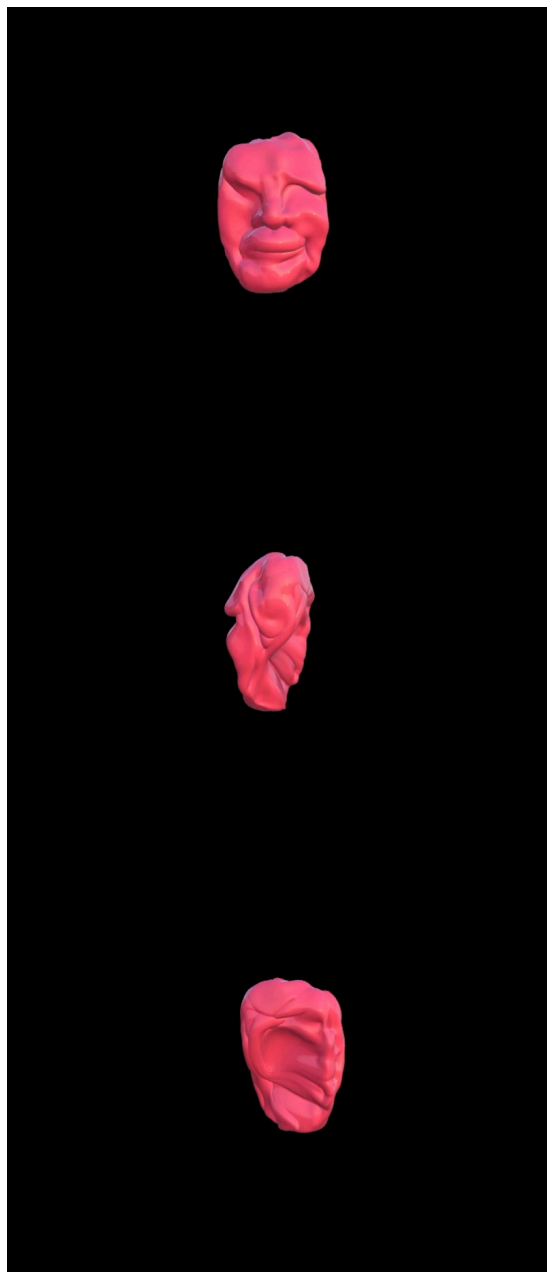


Figura 5, 6 e 7. "Chiclete", 2021. Objeto digital, modelagem 3D.



Eduardo Montelli é artista visual e professor no curso de Arte e Mídia da UFCG. Doutor em Linguagens Visuais pelo PPGAV/EBA/UFRJ. Mestre em Poéticas Visuais pelo PGAV/IA/UFRGS. Participa de exposições e de outras atividades de arte desde 2009, entre as principais estão a 5ª Edição do Prêmio Energias na Arte, no Instituto Tomie Ohtake/SP; Filmes e Vídeos de Artistas, na Fundação Iberê Camargo /RS; Abre Alas 10, na galeria A Gentil Carioca/RJ; e 65º Salão de Abril, no Centro Cultural Banco do Nordeste/CE, no qual seu vídeo “Fundos” foi premiado. Recentemente, apresentou a instalação virtual “Só sei me transformar, apenas não sei em que” no Pivô Satélite (www.pivo.org.br/satelite/eduardo-montelli/).

Referências

ASCHER, Nelson. Prefácio. in: KI-TAEK, Kim. **Chiclete**. Tradução de Yung Jung Im. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2018.

BERARDI, Franco. **Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem**. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2020

HUI, Yuk. **The question concerning technology in China**. United Kingdom: Urbanomic Media LTD, 2016

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2015

